

Uma bela alma exigia um belo corpo? Mulheres, religiosidade e aparência pessoal na Inglaterra do século XVII

Para os homens e mulheres devotos na Inglaterra do século XVII, havia muitas ambigüidades em toda a questão da aparência pessoal. Por um lado, fugiam da extravagância, das manifestações de vaidade e da mutabilidade da moda. Por outro, preocupavam-se profundamente com o status e a aparência apropriada à posição, tanto moral quanto social. Era necessário que a esposa de um homem devoto tivesse uma aparência agradável; que parecesse limpa e saudável; que se vestisse de acordo com sua posição social, o que poderia significar com algum luxo, se seu marido fosse um homem de posses.

Esta ambigüidade aparece claramente na



história da vida da jovem lady Elizabeth Langham. Ela era filha do conde de Huntingdon e a segunda esposa de Sir James Langham de Cottesbrooke, distrito de Nottingham, com quem ela se casara pouco mais de um ano antes de morrer de varíola, em 1664, durante sua primeira gravidez. A família de seu pai, os Hastings, era de conhecidos puritanos. Os Langhams eram de posição menos elevada, embora Sir James fosse herdeiro de uma considerável fortuna mercantil e estivesse disposto a gastá-la generosamente nos funerais de suas três esposas e de seu filho mais velho.

A história da vida de lady Elizabeth foi elaborada pelo clérigo que pregou o sermão no enterro dela, baseado no texto dos

Atos dos Apóstolos 21,14, 'Como não se deixasse convencer, nós não insistimos. Seja feita a vontade do Senhor! Dizíamos'. A história descreve sua rotina diária, a administração de sua casa e suas boas relações com os enteados. Porém, de modo mais especial, ressalta sua religiosidade e as devoções religiosas particulares, orações, estudo da Bíblia e leitura de sermões, que ela praticava todos os dias.

É possível que algumas pessoas, ao ouvirem dizer quão grande era a parte de seu tempo que ela assim passava em segredo, possam desejar saber quanto tempo ela poderia dedicar para enfeitar e adornar o corpo; ou, poderiam, por acaso, suspeitar que ela tivesse sido alguma criatura estranhamente deformada, que, tendo se desentendido com seu espelho, por este dizer-lhe uma excessiva verdade, houvesse negligenciado todo e qualquer cuidado de melhoria da beleza, como mero esforço perdido; e que ela se dedicava a embelezar sua alma, por desesperança de jamais tornar seu corpo toleravelmente agradável, muito menos belo. Entretanto, para satisfazer àqueles que possam entreter tais pensamentos, possam eles ser informados, que sua pessoa era tal, que, quanto a um nível decente e mediano, acompanhado de uma justa proporção de todas as partes, não lhe faltava um rosto, cujos traços amáveis poderiam, pelos artifícios comuns dessa natureza, ter sido promovidos à reputação de uma beleza, caso ela tivesse achado conveniente fazer uso deles. Entretanto, ela

não deixava de lhe conferir o tempo e o esforço (após os necessários cuidados de sua alma) exigidos pela decência, embora, por acaso, não tanto quanto a curiosidade (caso ela a tivesse estudado) teria requerido.¹

Este relato é muito interessante. O autor, Simon Ford, era um conhecido ministro puritano da Igreja Anglicana. Embora ele diga implicitamente que as mulheres não deveriam perder tempo com sua aparência, não obstante era dever da mulher, particularmente de uma esposa, apresentar uma aparência formosa.

Não sabemos como era realmente Elizabeth Langham; não foram feitos quaisquer retratos dela e não podemos saber, a partir desta descrição, nada além de que seu rosto tinha 'feições amáveis'. Isto pode ter sido simplesmente uma referência à sua juventude. Dizem-nos que, pela aplicação de 'artifícios comuns, ela poderia ter chegado à reputação de beleza, caso tivesse julgado necessário fazer uso deles'. Em outras palavras, ela pouco se interessava por sua aparência.

Neste ponto, encontramos um dilema que afetava a todos que tivessem pretensão à devoção religiosa, mas especialmente aos puritanos. A excessiva preocupação com a aparência física era repreensível, sendo porém dever de uma esposa apresentar-se de modo a ser motivo de orgulho para seu marido. As atitudes em relação à aparência pessoal das mulheres, na Inglaterra do século XVII, eram instruídas por idéias de religiosidade, formosura e

temor ao excesso de exibição. Havia também o perigo de excitar o desejo dos homens. Thomas Ken, ao falar das virtudes espirituais da falecida lady Margaret Mainard em 1682, disse

Tenho plena consciência de que, se consultarmos a classe sensual e devassa de homens, não são as mulheres amáveis ou castas que eles estimam, mas somente as bonitas e lascivas. Estimam, disse eu! Os homens podem cortejar uma beleza ociosa ou libertina por luxúria..., porém podem estimar somente uma mulher amável e casta e, quando tudo está terminado, ela merece apenas ser chamada de bela.²

Era comum que ministros da igreja, em sermões funerários de mulheres, dissessem algo sobre a aparência física da falecida. Os ministros puritanos, que provavelmente pregavam mais sermões dessa natureza do que os membros da Igreja Superior Anglicana, às vezes expressavam opiniões radicais sobre o assunto. O memorialista da condessa de Warwick esforçou-se para dizer ao mundo que "não lhe faltava beleza".³ Em um sermão funerário para a esposa de um ministro, pregado em 1658, no auge da comunidade puritana, o reverendo John Glascock disse:

Se [outras senhoras] sabiamente resgatassem algum tempo de seu sono e várias horas desse tempo que é geralmente dedicado com abominável prodigalidade a supercuidadosamente vestir e enfeitar seus vis corpos... elas poderiam obter muito tempo... para outros

exercícios sagrados.⁴

Um dos ataques mais inclementes à atenção dedicada à aparência pessoal foi o panfleto de William Prynne, de 1628, *The unloveliness of love-lockes* (A feiúra dos cachinhos de amor). Prynne era um puritano populista, um gênio em criar frases para agitar a ralé. Junto com uma longa diatribe contra a moda dos cachinhos de amor (cabelos longos) em homens, ele expunha algumas opiniões sobre o que constituía beleza em ambos os sexos.

A beleza perfeita, verdadeira e real, não consiste das superfícies claras, lisas ou bonitas da delicadeza e maciez da pele ou do rosto; tampouco, dos cuidadosos bordados, cachos, texturas, coloridos, empoamentos ou composição dos cabelos, como a maioria dos homens vaidosos considera; porém nos dons, ornamentos, vestimentas, virtudes interiores e nas graças da mente e da alma.⁵

Este, porém, não era um processo unilateral, pois

a beleza natural é um dôm de Deus, que não deve ser inteiramente desprezado, e portanto acrescenta um certo brilho a nossos dons e graças, sendo regulado e atendido com castidade, modéstia, brandura e humildade.⁶

Os ataques aos excessos na aparência pessoal vinham tanto de radicais religiosos quanto dos puritanos mais ortodoxos. Um apelo anônimo ao Parlamento, em 1659, continha um feroz ataque a todos os objetos usuais da fúria puritana: a be-

bida, o jogo, a caça a ursos e touros, os esportes dominicais, e concluía com as palavras

E que todo este uso de rendas douradas e vestimentas caras, mais apropriado aos excêntricos do que aos homens sóbrios, que isso tudo tenha um fim e vistamos os nus e alimentemos os famintos com o supérfluo.⁷

As objeções religiosas aos excessos na aparência eram baseadas, em parte, na opinião de que a vaidade e a excessiva atenção à aparência pessoal eram incompatíveis com uma vida de devoção religiosa; em parte, no ponto de vista de que a obra de Deus (a forma humana) não podia ser melhorada; e, em parte, na crença de que, na ressurreição, todos teriam o corpo perfeito. A sra. Burnet, esposa do falecido bispo de Salisbury do século XVII, publicou um manual de devoção, no qual aconselhava

Se você for menos belo, não fique irritado nem se queixe: cuide de garantir uma feliz ressurreição e, então, você será perfeito de corpo e alma.⁸

Esta preocupação com uma aparência de devoção religiosa certamente teve seu efeito sobre as mulheres. Mary Boyle, condessa de Warwick, em sua autobiografia, tratou sumariamente a frivolidade de sua juventude, dizendo que havia feito amizade com a jovem esposa de seu irmão, que "me ensinou a ser muito vaidosa e tola, induzindo-me a gastar (como ela) meu tempo assistindo e lendo peças de

teatro, e em me vestir de maneira refinada e cuidadosa". O resultado disso foi que, quando ela casou com um membro da família Rich, famosa por seu puritanismo, ela era

uma pessoa tão vaidosa, ociosa e sem consideração quanto possível, não se importando com nada, senão em se vestir com cuidado e com roupas finas e ricas.⁹

Os preceitos religiosos refletiam-se nas obras do mais conhecido comentador da constituição Tudor, Thomas Smith, que, na década de 1560, escreveu sobre as distintas esferas de atividade de homens e mulheres:

O homem severo, forte, corajoso, ousado, aventureiro, negligente com sua beleza e perdulário.

A mulher frágil, tímida, formosa, cuidadosa com sua beleza e econômica.

Deus deu ao homem maior inteligência, mais força e coragem para obrigar a mulher a obedecer pela razão ou pela força; e, à mulher, beleza, um rosto bonito e palavras doces, para fazer com que o homem lhe obedecesse em retribuição, por amor.¹⁰

Os livros sobre conduta, que ofereciam conselhos sobre como levar uma vida religiosa, sentiam-se obrigados a dizer algo sobre a aparência. Eles enfatizavam as virtudes da modéstia e da decência em uma esposa, como superiores à beleza, visto que ela só precisava ser formosa o suficiente "para ganhar a afeição de seu marido";

Ela é tão bonita quanto a natureza pretendeu que fosse, sendo talvez auxiliada a ter uma graça mais amável pela doçura da educação, não pelos artificios da arte.¹¹

Philip Stubbes, escrevendo na década de 1580, igualou a pintura do rosto pelas mulheres à deformação da alma. "Elas

pensam que assim adulteram a obra do Senhor?", rugia ele.¹² Thomas Taylor, um clérigo puritano, assumiu uma linha menos agressiva em 1633, quando 'estabeleceu algumas instruções gerais resumidas para auxílio delas'

Porque sei que várias mulheres tementes a Deus falham na questão de suas



Pieter Janssens Elinga. *Mulher lendo*; óleo sobre tela, c.1660

vestimentas e atavios, pois falta-lhes orientação.¹³

Ele tinha conselhos um tanto mais positivos a oferecer do que muitos de seus colegas escritores, embora para segui-los fossem necessárias muitas horas de estudo sério das escrituras, visto que qualquer ornamento precisava ter justificativa bíblica. Ele decidiu que se deveria permitir às mulheres usar ornamentos, porque Rebeca os havia usado e que era "legítimo cobrir um defeito ou esconder uma ferida ou deformidade de uma maneira decente".¹⁴

Philip Stubbes comparou a supressão do "excesso dissoluto do vestuário" com agradar a Deus, enriquecer o país e evitar escândalos.¹⁵ Este ponto de vista não era ditado somente por atitudes religiosas quanto ao decoro, mas também orientado por idéias de decência social, em particular por idéias acerca de vestuário e status. A Inglaterra era um dos poucos países europeus que não possuía leis suntuárias para ditar o que pessoas de diferentes classes sociais podiam, ou, o que é mais importante, eram proibidas de usar. Não obstante, havia convenções extremamente poderosas acerca de definições de classe e gênero, expressas nas roupas.

Os devotos, fossem puritanos ou anglicanos, não eram democratas quando se tratava de afirmar distinções sociais e a lembrança visível dessas distinções no vestuário. Havia queixas frequentes sobre criados que imitavam seus pa-

trões ou patroas, o que não era surpreendente, já que recebiam de presente roupas que eram deles.¹⁶

Da mesma maneira que a subversão dos níveis aceitos podia se tornar visível pelo vestuário, a subversão das barreiras aceitas dos gêneros também podia. Os conservadores reclamavam constantemente que as mulheres haviam começado a ter a aparência de homens e os homens, a de mulheres. William Harrison escreveu em 1577 que "sucedeu que as mulheres tornaram-se homens e os homens se transformaram em monstros". "Encontrei algumas dessas rameiras em Londres, disfarçadas de modo tal que ultrapassou minha habilidade em discernir se se tratava de homens ou mulheres".¹⁷ Philip Stubbes escreveu, após citar uma injunção do livro de Deuteronômio,

Nosso vestuário foi-nos dado como um sinal de distinção entre um sexo e outro, e portanto usar o vestuário de outro sexo é participar do mesmo e adular a veracidade de sua própria espécie. Por este motivo, essas mulheres podem, não incorretamente, ser designadas como hermafroditas.¹⁸

Barnaby Rich, escrevendo em 1616, alegava:

Não sei...se devo acusar os homens por lhes agradar o uso de vestuário feminino ou se devo acusar as mulheres por lhes agradar o uso de vestuário masculino; porém, o que é certo é que seus chapéus, suas plumas, suas cintas são tão bordadas, tão debruadas, tão

rendadas...que não há diferença maior a ser vista entre a ferradura de um cavalo e a de uma égua.¹⁹

William Prynne, que jamais se refreava quanto a estes assuntos viu, em 1628, "o sexo feminino masculinizado despudorado e inconstante" como um dos sintomas dos tempos 'degenerados' em que vivia, estando as mulheres "hermafroditizadas e transformadas em homens" em "sua conduta imodesta, desavergonhada e audaciosa".²⁰ Em 1645, John Brinsley usou um ataque ao 'ensino público' das mulheres para argumentar a favor do vestuário pudico e da submissão das mulheres aos homens.²¹ Um poema satírico de 1655 equiparava as mudanças no vestuário das mulheres a uma mudança na posição destas,

Gibões, como homens, elas usam,
como se quisessem nos escarnecer,
bordados em volta com belos pontos e fitas.
Porém, peço, olhemos em torno;
pois uma vez que o gibão lhes cai tão bem
elas usarão os culotes, se puderem
obtê-los.²²

A preocupação com a moda era um aspecto da frivolidade associada à preocupação com a aparência pessoal. Diversos comentaristas observaram a rapidez e o entusiasmo com que os ingleses adotavam novos modismos. O comentarista social William Harrison investiu muito severamente, em 1577, contra "a fantástica loucura de nossa nação (...desde o cortesão ao carreteiro)...que nenhuma forma de vestu-

ário nos agrada mais quando a usamos pela primeira vez", embora, em parte, ele atribuísse isto aos truques dos alfaiates. "Parece que imitamos todas as nações à nossa volta, no que nos assemelhamos ao camaleão".²³ Philip Stubbes comentou em 1583 "que parecia que nenhum povo no mundo era tão interessado em novas modas quanto eles na [Inglaterra]".²⁴ Thomas Dekker, em 1606, afirmava que

como o homem é o imitador de Deus, procurando fazer flores artificiais, pássaros etc., semelhantes aos naturais; pela mesma razão as mulheres são imitadoras dos homens, pois não querem ficar atrás deles na distância de uma medida de alfaiate...em qualquer nova moda de novos ricos.²⁵

A preocupação com a moda levava à extravagância, a qual, de acordo com os argumentos de um membro do Parlamento em 1621, era responsável pelo declínio da hospitalidade.²⁶ A senhora Burnet, em seu manual de devoção, pedia que as pessoas se vestissem com "frugalidade decente, para melhor capacitá-las a vestir os pobres".²⁷ Ela argumentava que gastar muito tempo pensando a respeito da moda encheria a mente de "imagens vãs" e que

esta solicitude a respeito do vestuário é mais apropriada a essas infelizes e desgraçadas mulheres cuja beleza é posta à venda (embora a um preço miserável) do que às mulheres que professam devoção religiosa, com

boas obras; cujo objetivo, no vestir, deve ser a limpeza e a decência.²⁸

As mulheres puritanas eram louvadas pela modéstia de seu vestuário, como sinal de sua religiosidade. Dizia-se de Katharine Stubbes que ela abominava o orgulho da indumentária e de Elizabeth Wilkinson, esposa do diretor do Oxford College durante o Commonwealth, que ela não queria ter "vestidos extravagantes e fúteis como ornamento".²⁹ O viúvo puritano enlutado, Samuel Clark, louvava sua falecida mulher de cinquenta anos por sua modéstia, até mesmo frugalidade, no vestir.

Pela forma, era grave e exemplar, sem modismos nem levandade...E qualquer que fosse o vestuário que ela tivesse, tinha o cuidado de protegê-lo de manchas e rasgos e, tão logo houvesse algo estragado, de imediatamente consertá-lo, de tal maneira que ela fazia com que durasse muito tempo e, no entanto, parecesse sempre intelro e bem cuidado.³⁰

Algumas mulheres davam provas de suas convicções políticas no vestuário. Anne Micklethwaite, que faleceu em 1658, não havia usado um vestido de seda desde o início da guerra civil e declarava sua intenção de não fazê-lo, antes de ser alcançado um acordo.³¹ A condessa de Suffolk, esposa de um comandante realista na guerra civil, havia

feito votos de não usar roupas que não fossem pretas enquanto vivesse, não apenas pressagiando o que aqueles tempos trágicos pudessem necessitar, mas por serem as mais sérias e mais

adequadas ao seu temperamento.³²

O acompanhamento da moda era muito depreciado, mas, ao mesmo tempo, a decência exigia que as mulheres não parecessem grotescamente fora de moda, o que teria reflexos negativos sobre suas famílias. Dizia-se de Mary Forbes, que faleceu em Devon em 1565, que

suas vestimentas não eram sórdidas nem extravagantes, não estavam na última moda, nem fora de moda; diferentemente daquela pequena nobreza arrivista, que declara sua recente ascensão do campesinato e da pobreza através da heráldica da torpeza e dos trapos que veste.³³

Anne Micklethwaite observava uma "grave decência", dizendo que "não seria a primeira a usar uma moda, nem seria a única".³⁴

O cabelo era um assunto que provocava grande alarido por parte dos puritanos. O texto bíblico favorito era o da primeira epístola de Paulo aos Coríntios.

Julgai por vós mesmos: porventura é conveniente que uma mulher ore a Deus sem usar véu? A própria natureza não vos ensina porventura que é indecoroso para o homem usar cabelos compridos? Ao passo que é uma glória para a mulher, pois a cabeleira lhe foi dada à maneira de véu.³⁵

A vergonha a que uma mulher que cortava seus cabelos estava exposta era um dos temas do ataque apoplético de William Prynne à moda dos cachinhos de amor.

Trata-se da coisa mais infame, antinatural e vergonhosa que possa atingir uma mulher, (não uma graça ou ornamento), ou seja, cortar ou aparar seus cabelos.³⁶

Em 1641 dizia-se que uma mulher de Londres havia tido uma visão na qual a profetisa Ana a havia visitado e orientado a pregar. O texto que ela escolheu para pregar em uma reunião de outras mulheres era

Que o cabelo de uma mulher era para

ela um adorno, mas que era vergonhoso para um homem ter cabelos longos.³⁷

Por trás da noção de vergonha do corte de cabelos pelas mulheres, estava a idéia, tirada da primeira epístola de Pedro, de que o cabelo longo era um distintivo da obediência da mulher, nas palavras de William Prynne,

seu véu natural, sua glória feminina e a própria insígnia e caráter de sua sujeição a Deus e ao homem.³⁸



Gravura de Wenzel Hollar, c.1650. A moda Inglesa em meados do século XVII conferia às mulheres um efeito de recato elegante.

Samuel Clark comentou, a respeito de sua esposa, que "ela obedecia às ordens que Pedro deu às mulheres cristãs em sua época", querendo presumivelmente dizer que ela mantinha seus cabelos longos e sua cabeça coberta.³⁹ E a devota, porém realista condessa de Suffolk, que faleceu em 1649, também gostava desse texto.⁴⁰ Essas censuras não ficaram limitadas ao apogeu do puritanismo em meados do século. Em 1688, Thomas Wall escreveu sobre como o homem foi criado com cabelos curtos, enquanto às mulheres foram dados cabelos longos como um sinal para distingui-las do homem e "ensiná-las a sujeição".⁴¹

Os antigos, notadamente Aristóteles e Homero, argumentavam que as mais belas almas eram encontradas nos mais belos corpos. Porém isto divergia das idéias cristãs de salvação e, mais especificamente, das idéias acerca do julgamento final, quando todos os crentes seriam ressuscitados em corpos perfeitos, ainda que estes tivessem sido imperfeitos em vida.

Isso não impedia que os escritores tentassem analisar o que constituía a beleza feminina, especialmente quando as visitas de europeus ao Novo Mundo os tornavam mais conscientes da variedade da forma humana. Em 1654, John Bulwer publicou *A view of the people of the whole world*.⁴² Tratava-se de uma tentativa de classificação da aparência física de todas as raças conhecidas no mundo, ilustrada com xilogravuras de diferentes tipos raciais e físicos. Bulwer relacionou as diversas características fisi-

cas que uma mulher inglesa deveria idealmente possuir:

uma bela testa branca, sem marcas de rugas ou linhas... um rosto redondo, agradável e de aparência elegante... uma boca pequena... pequenos dentes brancos... lábios um tanto chelos, de cor coral, imitando cinabre... o nariz, de tamanho médio, reto, limpo... narinas pequenas... uma pequena língua curta, cor de púrpura... as sobrancelhas deviam ser negras e suavemente arqueadas... as maçãs do rosto redondas... e semelhantes às maçãs vermelhas do sol de outono.

Ele investivava contra o uso, pelas mulheres inglesas, de pintura e sinais, descrevendo-o como "bárbaro". Ele se admirava de que não houvesse leis eclesiásticas ou civis contra a pintura, tanto para homens quanto para mulheres.⁴³

A noção de Bulwer do barbarismo de certos tipos de adorno pessoal retoma um tema abordado por Roger Williams, o puritano da Nova Inglaterra. Em um poema de 1643, ele juntou o barbarismo e o cristianismo em um conceito

A verdade é uma beleza nativa, nua; porém as invenções mentirosas são apenas pinturas de índios.

Dissimulando os corações, sua beleza é apenas uma mentira.

A verdade é a beleza própria dos santos de Deus.⁴⁴

Muito do que havia por trás da crítica da preocupação com moda e adorno pesso-

al era a idéia de que a obra de Deus não poderia ser melhorada. Entretanto, o caso era também que as mulheres nobres do século XVII tinham o hábito de exibir seu status em forma de roupas, jóias e maquiagem. Portanto, o que uma devota nobre haveria de fazer? A condessa de Warwick, que faleceu em 1678 e ficou célebre pelos volumes de reflexões espirituais que manteve durante sua vida, "nunca se permitiria o auxílio da beleza artificial (pois não usava sinais ou pintura)", mas "ninguém estava mais longe de censurar outros ou de julgar as liberdades de outros".⁴⁵ A pintura era particularmente execrada. Mesmo o relativamente relaxado Thomas Taylor dizia que não se podia justificar colorido algum, por "desfiguram o trabalho de Deus e estampam orgulho na face delas".⁴⁶

Muitas dessas severas críticas da vaidade e do excesso no vestuário datam da primeira metade do século XVII e dos anos de guerra civil e do Commonwealth. Após a restauração da monarquia, em 1660, e o estabelecimento de uma corte real em que a busca do prazer e a admiração da beleza feminina eram atividades menos execradas, desenvolveu-se um mercado de livros com conselhos sobre as maneiras de se melhorar a aparência. O autor de um deles, publicado em 1665, adotou a linha de que a alma, como "moradora do corpo, não deve tê-lo como prisão, mas como palácio". Ele prosseguia, argumentando que no caso das almas aprisionadas em um corpo imperfeito, "a arte

abria seu armazém de medicamentos, esforçando-se para unir todas as partes do corpo em concordância graciosa de feições sedutoras".⁴⁷ Dez anos mais tarde, acreditava-se que o superficial havia se firmado demais,

a virtude...está atualmente eclipsada pela beleza externa do corpo, visto que a virtude e a piedade (a verdadeira beleza interior) não podem brilhar; sendo que uma boa alma nada é hoje em dia, em comparação com um belo rosto.⁴⁸

As objeções à excessiva preocupação com a aparência pessoal, ao dispêndio extravagante em roupas e à interferência na obra de Deus pelo uso de pintura e do corte de cabelo não eram levantadas apenas pelos puritanos, mas por homens e mulheres devotos de todas as tendências religiosas. As mulheres que transformavam em exemplo sua própria aparência ganhavam elogios do clero. Entretanto, era preciso atingir um delicado equilíbrio entre a exibição indecorosa e a insuficiência de cuidados com o decoro. A aparência pessoal não era apenas uma questão individual; ela se refletia seriamente na família da pessoa. Ela podia ser usada por mulheres, bem como por homens, para fazer uma declaração política. Porém, embora fosse importante não ultrapassar a marca na retificação da obra de Deus, a falta de preocupação com a aparência refletia mal no caráter da pessoa. Voltando a lady Elizabeth Langham: seu memorialista desejava assegurar a seus leitores que, apesar de seus longos perío-

dos de reclusão para os deveres sagrados, ela fazia honra ao marido e aos pais, no que dizia respeito à sua aparência pessoal. Apesar da doutrina frequentemente pregada de que todos os defeitos físicos seriam debelados no julgamento final, os maridos devotos se preocupavam tanto quanto quaisquer outros em ter mulheres de boa aparência. E a

despeito da cantilena acerca de belas almas, as mulheres devotas não estavam menos sujeitas a pressões terrenas a respeito de sua aparência e a argumentos misóginos sobre a sujeição das mulheres, do que quaisquer outras.

Tradução de Mariana Erika Heynemann.

N O T A S

1. Esta versão foi adaptada pelo conhecido martirologista puritano Samuel Clark, extraída do sermão fúnebre pronunciado em 1664 por Simon Ford. CLARKE, Samuel. *The lives of sundry eminent persons in this later age*. London: 1683, p. 200.
2. KEN, Thomas. *A sermon preached at the funeral of the right honourable lady Margaret Mainard*. London: 1682, p. 14.
3. WALKER, Anthony. *Eureka, eureka: the virtuous woman found...with...the life of that noble lady*. London: 1678, p. 50.
4. GLASCOCK, John. *Mary's choice, or, the choice of the truly godly person opened, and justified*. London: 1659, p. 79.
5. PRYNNE, William. *The unloveliness of love-lockes*. London: 1628, p. 51.
6. Idem, *ibidem*, p. 55.
7. G. F. *To the Parliament of the Common wealth of England: 59 particulars laid down for the regulating things*. London: 1659, p. 13.
8. BURNET, Mrs. *A method of devotion*. Segunda edição. London: 1709, pp. 99-100.
9. RICH, Mary, countess of Warwick. *Autobiography*. Ed. T. Crofton Croker, Percy Society, 22, 1848, pp. 4, 21.
10. SMITH, Thomas. *The Commonwealth of England, and the manner of government thereof*. London: 1612, p. 13.
11. *The mirrour of complements, or, a manual of choice, requisite and compendious curiosities*. Quarta edição. London: 1650, pp. 175, 177.
12. PURNIVALL, F. J. (ed.). *Phillip Stubbes's anatomy of the abuses in England in*

- Shakespeare's youth*, part 1. New Shakespeare Society: series VI, nº 4, 1877, p. 64.
13. TAYLOR, Thomas. *Three treatises: the pearle of the gospell, the pilgrims profession and a glasse for gentlewomen to dress themselves by*. London: 1633, p. 195.
 14. Idem, *ibidem*, pp. 196, 202, 205.
 15. FURNIVALL, F. J., *op. cit.*, pp. 38-9.
 16. KENT, Joan. "Attitudes of members of the House of Commons to the regulation of 'personal conduct' in late Elizabethan and early Stuart England". In: *Bulletin of the Institute of Historical Research*, 46, 1973, p. 44.
 17. WITHINGTON, Lothrop (ed.). *Elizabethan England from 'A description of England' by William Harrison*, Camelot Series. London: 1890, p. 110.
 18. FURNIVALL, F. J., *op. cit.*, p. 73.
 19. RICH, Barnaby. *My ladies looking glasse*. London: 1616, p. 21.
 20. PRYNNE, William. *The unloveliness*, epístola do leitor.
 21. BRINSLEY, John. *A looking glasse for good women held forth by way of counsel and advice*. London: 1645, pp. 1, 2, 12, 13.
 22. F. W. Fairholt (ed.). *Satirical songs and poems of costume*, Percy Society 27, 1849, pp. 147-8.
 23. HARRISON, William. *A description of England*, pp. 107-8, 109-10.
 24. FURNIVALL, F. J., *op. cit.*, p. 32.
 25. Citado em *Stubbes's anatomy*, p. 77.
 26. NOTESTEIN, W.; RELF, F. H.; SIMPSON, Hartley (eds.). *Commons debates 1621*. Yale University Press. New Haven: 1935, p. 467.
 27. BURNET, Mrs., *op. cit.*, pp. 99.
 28. Idem, *ibidem*, p. 101.
 29. STUBBES, Philip. *Christal glasse for christian women*, London, 1626, epístola;
STAUNTON, Edmund. *A sermon preacht at Great Milton in the county of Oxford*. Oxford: 1659, p. 23.
 30. CLARKE, Samuel, *op. cit.*, p. 155.
 31. HUNTER, Jos. *Dorcas revived the second time*. London: 1660, p. 37
 32. CLARKE, Samuel, *op. cit.*, p. 212.
 33. MOORE, Francis. *Natures goodnight, or, a sermon*. London: 1656, p. 29.
 34. HUNTER, Jos, *op. cit.*, p. 37.
 35. I Coríntios 11, 13-15.

36. PRYNNE, William, op. cit., p. 39.
37. *A discoverie of six women preachers, in Middlesex, Kent, Cambridgeshire and Saltsbury*. London: 1641, p. 2.
38. PRYNNE, William. *The unloveliness*, epístola ao leitor, op. cit.
39. CLARKE, Samuel, op. cit., p. 155.
40. Idem, ibidem, p. 213.
41. WALL, Thomas. *Spiritual armour: to defend the head from the superfluity of naughtiness... wherein is proved, that it is unlawful for women to cut their hair polled or shorn; and men to wear the same to cover their heads*. London: 1688, p. 3.
42. *Ampliado de Anthropometamorphosis: man transform's or the artificial chageling*. London: 1650, 1653.
43. BULWER, John. *A view of the people of the whole world*. London: 1654, pp. 131-2, 261, 267.
44. Editado em H. T. Meserole, W. Sutton, B. Weber (eds.). *American literature: tradition and innovation*, vol. 1. Early American Literature, D. C. Heath. Lexington, Mass.: 1969, p. 166.
45. CLARKE, Samuel, op. cit., p. 169.
46. TAYLOR, Thomas. *Three treatises*, p. 205.
47. M. S. *Artificial embellishments, or, arts best directions how to preserve beauty or procure it*. Oxford: 1665, pp. 1, 2-3.
48. *A protestant antidote against popery... written in a letter to a young lady, by a person of honour*. London: 1674, p. 20.

A B S T R A C T

The aim of this article is the discussion which took place in England during the seventeenth century: does a beautiful soul require a beautiful body? The text analyses Anglican Church positions and the dilemma of godly women who had to have a virtue appearance that must be also charming and pleasant to the society and to their husbands and relatives.

R É S U M É

Le point principal de cet article est la discussion qui s'est emparé de la société anglaise au XVII^e siècle: la beauté de l'âme serait-elle plus importante que la beauté physique? Le texte présente les positions de l'Eglise Anglicane sur le sujet et le dilemme des femmes pieuses, qui devraient faire preuve de vertu, se montrer belles à la société et plaire à leur mari et à leur famille.